

DF - Invasões já possuem população de 79 mil

CORREIO BRAZILIENSE

A indústria da invasão é o fantasma que tira a tranquilidade dos responsáveis pelos setores de habitação e serviço social em Brasília, onde, segundo dados da Shis, vive uma população de quase 79 mil pessoas, distribuídas por 51 locais. O Plano Piloto conta com a parcela maior, cerca de 44 mil. A grande maioria das invasões fica em áreas da Terracap que não tem como evitá-las nem expulsar os invasores.

Além das "áreas do poder público" — destinadas a futuros loteamentos para expansão da cidade — há o problema das áreas públicas como calçadas, áreas verdes e praças sob a jurisdição da Secretaria de Viação e Obras. Nestes locais as invasões são feitas por comerciantes que procuram aumentar o espaço de suas lojas. Somente bares e restaurantes têm autorização para isso. A SVO, através do Departamento de Fiscalização e Licenciamento de Obras, vai desfocar campanha contra estas invasões. A operação será paulatina e sem grande alarde.

INDÚSTRIA

O secretário de Habita-

ção, Sadi Ribeiro, afirma que há em Brasília grupos de pessoas que vivem de estimular invasões, comprando áreas e residências nos locais onde o Governo instalou famílias. As autoridades oferecem condições dignas de moradia aos grupos mas, ao primeiro aceno de um comprador, eles negociam o direito, deixam as casas e vão invadir outros locais.

"Em virtude do problema — afirma o secretário de Habitação — uma nova mecânica deve ser implantada na venda de casas pela Shis". O morador não terá a posse do imóvel, sendo feita somente uma "concessão de uso". No caso de deixar o imóvel, perderá o direito a ele. Outra exigência será a de tempo mínimo de vida em Brasília, que poderá variar de três a cinco anos. O prazo ainda está em estudos.

Sadi Ribeiro afirma que o contingente de invasores de áreas é formado, em 80 por cento, por famílias cuja faixa salarial não exceda três mínimos. Os que se candidatam à aquisição de moradia são invasores de áreas ou inquilinos de fundos de lote, que costumam contribuir no pagamento

de luz e água do proprietário da área. Os últimos são os que melhor receptividade têm nos pedidos de casa própria, pois demonstram índole de bons pagadores e merecem mais atenção dos que fazem as invasões, ocupando locais sem dar nada em troca.

Este grupo está sendo prejudicado por cerca de 50 famílias que armaram barracas na QE 38, no Guará, e se revezam na ocupação delas. A área foi demarcada pelo Governo, teve licitação para urbanização e construção de casas destinadas aos inquilinos de fundos de lote e 14 famílias remanescentes de um cadastro feito há dois anos. O "acampamento" montado está impedindo que elas recebam suas casas.

A Secretaria de Serviços Sociais, uma vez criada a de Habitação, deixou de interferir na questão das invasões, só atendendo casos esporádicos de problemas sociais que não tenham a ver com habitação. A Terracap é quem fiscaliza, já que é sua a maioria das terras invadidas. Sua atuação, contudo, deve limitar-se ao controle do crescimento populacional e do número de barracos, evi-

tando que as invasões "inchem". No restante do tempo fica na expectativa de que a Secretaria de Habitação construa moradias e retire os invasores de suas áreas.

Um assessor da Terracap, que participou da instalação de famílias na Vila Divinéia, no Núcleo Bandeirante, em dezembro de 1982, afirmou que ali há um retrato fiel da indústria da invasão. Da população de 300 famílias instaladas inicialmente, só restam 4 por cento. O restante vendeu seus direitos a terceiros.

Um dos que vivem da indústria de invasão, segundo Maria Joana Ribeiro da Silva, funcionária do Ministério do Interior, é seu senhorio Benones Agostinho do Amaral. Joana diz que Benones é dono de imóveis comprados na Shis e aluga para ela o da QNO 5, conjunto O, casa 4. De acordo com Joana, Benones compra as casas e põe em nome de parentes. Ela, que espera o segundo filho para breve, está sob ameaça de despejo. Benones quer o imóvel alegando que precisa para uso próprio. Mas Joana diz que ele mora em apartamento funcional na Asa Sul.